UM POUCO DE NOSSA HISTÓRIA

Mesmo sendo catadores, reconhecemos a noção, a idéia e identificação para aquilo que se reconhece como Brasil. Também reconhecemos e reivindicamos as diversidades entre os povos brasileiros e a dimensão continental que faz do país um sub-continente da América Brasileira.

Igualmente nos entendemos latino-americanos, somos parte de um continente pleno de feridas, sangue e ainda esperanças. Os brasileiros são parte da América Latina, com todas as suas características e contradições. Neste pedaço do mundo, vivemos e lutamos.

Ao contrário do que a elite brasileira tenta nos fazer acreditar, não somos um povo de falsos malandros, vagabundos e covardes. Desde as primeiras flechas e tacapes lançadas contra os invasores até a última foice e facão dos sem-terra, piquetes com carrinhos e carroças viemos lutando por nossos destinos.

A invasão

Nossa história e resistência vem de 1500 quando o primeiro invasor lusitano começa a tentar conquistar as terras de Pindorama para colônia do império português. Surge aí a idéia de Brasil. Vem da devastação de nossas matas, exploração econômica e dos trabalhos forçados nosso nome. Pau-brasil era a árvore abundante na Mata Atlântica e brasileiros foram denominados os trabalhadores (eiro = trabalhador manual) do pau-brasil. Os primeiros brasileiros foram os povos indígenas. Passavam a ser “brasil-eiros” quando derrotados nas inúmeras guerras contra os invasores lusos ou aculturados e “convertidos” em escravos. Depois, a partir de 1530, os africanos, com a vinda destes trabalhadores que foram seqüestrados de seu continente, também se tornavam brasileiros. Com as capitânicas hereditárias surgiram os latifúndios, a coroa portuguesa comissionava capitães-mor nestas terras do além-mar, com poderes absolutos para a vida militar, civil e econômica. Postos de vigília e comércio eram instaurados na costa, e junto com estes fortes, vinham contrabandistas e saqueadores (portugueses, franceses, ingleses, holandeses e corsários sem reino). Começaram a vir portugueses pobres - desterrados e degredados (não podemos esquecer que as terras brasileiras funcionavam como colônia penal para desterrados e criminosos) - e mais brasileiros surgem. Nasciam os “filhos da conquista”, outros brasileiros, gerados do estupro de mulheres indígenas e negras. De tanta violência e exploração vem a “típica diversidade” dos povos brasileiros.

A resistência indígena

Junto do estupro, conquista e devastação feita pelos invasores europeus, veio a resistência e a luta. No começo foi a resistência indígena, que segue até hoje. As guerras Tupinambás, Cariris, a Confederação dos Tamoios, a guerra das Missões Guaranis contra os impérios português e espanhol, dos Goitacazes, Tapuias, Charruas, Guaicurus, Aimorés e tantos outros povos, muitos já sem nenhum registro histórico. Esta luta é atual, como a dos Xavantes, Ianomâmis, Kaudiwéus, Kaigangues, Tchucarramãe, e todos os demais povos indígenas, especialmente vivida no Centro-Oeste e na Amazônia. Os inimigos de hoje se chamam latifúndio, mineradoras, calha-norte, traficantes, madeireiras, militares, multinacionais de bio-tecnologia e Funai.

Por não poder domesticar os primeiros brasileiros ao trabalho escravo, o inimigo os chamou de “lerdos, preguiçosos, inúteis“. É certo que não queriam trabalhar para os invasores, fazer a luta de classes era fugir da lavoura e a sabotagem não derrubar nem carregar pau-brasil. Outras armas trouxe o inimigo além daquelas de guerra; a conversão à uma fé transformada em escravidão para os povos indígenas - ditos sem alma (eram considerados tão animais que nem pecado tinham), a aculturação, a destruição do meio natural e as doenças (como a tuberculose e a gripe).

Escravidão Luta negra e Palmares

Da destruição das matas passaram a violentar o solo com a mão de obra dos trabalhadores seqüestrados. Porque como sempre as elites se entendem entre si, o mercantilismo fez acordo com os reis africanos, e o escambo foi a venda de milhões de homens e mulheres. Por quase 400 anos o tráfico e a escravidão dilaceraram a costa ocidental e as regiões centrais da África, trazendo dor e desespero para o Brasil.

O inimigo de classe (então os capitães-mor, senhores de engenho e comandantes da marinha e exército da coroa) colocava os trabalhadores negros sempre em grupos de línguas diferentes - dividir para dominar, a velha fórmula das classes opressoras. Assim, a cada três afro-brasileiros, cada qual trazia seu idioma de origem e foram obrigados a aprenderem o português, e a se comunicarem no idioma do dominante. Também a fé e espiritualidade (visão de mundo) destes trabalhadores estava proibida e teve de ser disfarçada. Do disfarce da fé afro-brasileira, surgiu o sincretismo religioso, como alternativa de preservação e sobrevivência do espírito do povo oprimido. Nos engenhos, os senhores botavam seus sobrenomes como marca nos escravos e davam feijão com restos de porco para eles comerem (vem daí uma das comidas mais populares de nossa gente, a feijoada; comida dos trabalhadores negros). Obrigavam os negros a adorarem aos mesmos santos e ao mesmo Deus de seus exploradores - e óbvio, não ensinavam o cristianismo que combateu a escravidão com armas e palavras. As mais lindas mulheres negras iam trabalhar na casagrande e o inimigo as violentava. Nascendo desta curra os mulatos e mulatas, filhos do estupro das trabalhadoras por seus patrões latifundiários. Não contentes com violentar as trabalhadoras negras, os senhores de engenho chamavam os bebês, nascidos da curra, de "filhos das mulas". O termo "mulato" vem de mais este estupro de nossa gente. Como se não bastasse, os filhos da classe dominante mamavam, literalmente, no seio do povo. As mulheres negras, quando amas-de-leite, tiravam o alimento de seus filhos e eram obrigadas a dar o peito para os filhos de quem as escravizavam.

Enquanto avançavam os engenhos de açúcar na zona da mata nordestina, no Sudeste, saíam da Vila de São Paulo de Piratininga, os saqueadores de riquezas. Munidos de bandeiras da coroa, os "bandeirantes" levavam pequenas tropas particulares Brasil adentro, numa disputa com o império espanhol pelos territórios ainda não conquistados. Buscavam estes assassinos, ouro, diamantes, indígenas para escravizar e mulheres. Tinham à frente sempre um branco dono do saque e uma tropilha de mestiços (caboclos, mamelucos) que falavam entre si a "língua geral", uma mistura de dois idiomas indígenas juntados pelos conquistadores, também chamado de tupi-guarani. Este foi o principal idioma em terras brasileiras até a chegada da corte imperial portuguesa (quando esta fugiu de lá correndo, no início do século XIX). Aqueles que por duzentos anos saquearam, destruíram, estupraram e mataram - além de ajudarem a exterminar rebeliões- o inimigo de classe os considera: "bandeirantes - desbravadores, pioneiros e heróis do país".

Óbvio que tamanha exploração não passaria em branco. Como resposta popular, os trabalhadores negros somaram outra modalidade de resistência além daquelas praticadas pelos indígenas. Surgem os quilombos, sendo o de Palmares - na Serra da Barriga, atual estado de Alagoas - o maior de todos. Aí avançamos como povo e provamos para nós mesmos que podemos conviver de igual para igual, de forma autogestionária, respeitando a diversidade e a fé de todos os segmentos de nossa gente; socializando a produção, a vida comunitária e todas as decisões relevantes. No Quilombo dos Palmares, o colonialismo e a escravidão foram derrotados pelos trabalhadores afro-brasileiros, num território livre e com o povo em armas, por mais de 100 anos! Talvez seja este o pedaço mais lindo e digno da história dos brasileiros. Os quilombolas, além da maioria negra, também contavam com brancos pobres, mestiços e indígenas. Nossa Revolução Social a traçamos aí, comprovamos que ela é possível e necessária, apontamos seus caminhos e horizontes. Da luta pela libertação negra e popular nasceu a arte marcial que viria a ser transmitida clandestinamente nas senzalas e matas, de geração para geração - a capoeira. Também tivemos exemplos de que os traidores são todos iguais não importando sua cor e origem. Exemplos da força e astúcia do inimigo de classe, que é sem dúvida poderoso e procura mil maneiras para nos escravizar. Mas, acima de tudo, exemplos da capacidade dos povos brasileiros de sermos agentes de nossos próprios destinos e de conquistarmos nossa liberdade no peito e na raça.

Trabalhadores da colônia & Inconfidência

Os quilombos foram vários, assim como as resistências indígenas. A economia da colônia se movia por ciclos. Primeiro devastaram nossas matas para pintar de vermelho as roupas dos nobres e este foi o ciclo do pau-brasil. Depois, para adoçar a boca dos ricos, dilaceraram nosso solo com o ciclo da cana-de-açúcar. Num intervalo da monocultura mercantilista, veio o ciclo do gado. Por estes tempos se fizeram sentir em todos os trabalhadores brasileiros - então já éramos negros, índios, caboclos, cafuzos, mulatos e colonos - as palavras que expressam dois dos sentimentos mais profundos de nossa gente: Sertão & Saudade. E junto destes sentidos, também Dor & Esperança.

O inimigo de classe descobre ouro por aqui, e para enriquecer aos comerciantes europeus, trazem mais escravidão e morte em nossos rios e morros. Também por esta época, do sertão e da luta pela sobrevivência, nascem os bandidos sociais. Os primeiros foram os do bando de Cabeleira, depois esse banditismo tornou-se comum no interior do Nordeste. Expressando no peito toda a revolta que só o sertanejo mais sofrido sabe sentir, suas garruchas e bacamartes cuspiam fogo e raiva - por vezes de forma indiscriminada, outras bem acertadamente pois faziam pontaria nos senhores de engenho e gado.

Com os ventos do iluminismo soprando também para o Brasil, vieram as conspirações para a independência, como a Inconfidência Mineira e a Conjuração Bahiana. Óbvio que a repressão sobrou para o único inconfidente que era do povo, alferes de cavalaria, tropeiro e que tirava os dentes podres dos escravos. Por ser abolicionista e a favor de justiça social, esquartejaram Tiradentes. Não contentes com isso, estes mesmos que o assassinaram fizeram-no padrinho da polícia-militar - um bando de criminosos fardados pagos pelos poderosos. Se dez vidas tivesse gritou, dez vidas daria. Como só tinha uma, a deu pela causa que pensava justa e digna. Os outros inconfidentes, comerciantes mais preocupados em não pagar impostos do que com a liberdade, não deram vida nenhuma e nada mudou.

Os trabalhadores da era colonial eram escravos (da senzala e da casagrande, os músculos dos primeiros garantiam toda a riqueza de uma corja de parasitas que nada faziam como para nada servem, até os dias de hoje) mas também tropeiros, cargueiros, aguadeiros, ferreiros, caixeiros, sapateiros, oleiros (faziam tijolo nas olarias), carpinteiros, lavradores livres, pescadores, jangadeiros, alguns poucos profissionais, artesãos, vaqueiros que se espalhavam do Continente do Rio Grande de São Pedro até a foz do Amazonas passando também pelo Pantanal, carreteiros e outras profissões e ofícios. Incluindo a grande quantidade de mulheres trabalhadoras, na lavoura e na cozinha, como amas de leite, costureiras, rendeiras, rezadeiras e as que vendiam seus corpos como força de trabalho, chamadas de prostitutas.

Independência, revoltas & revoluções regionais

Veio a corte portuguesa fugindo apavorada de medo; depois fizeram a “independência” pois tinham pressa antes que algum aventureiro a fizesse. E tudo continuou como antes: os nobres tinham dois sotaques, o império brasileiro assumia para si a tradição colonial e começou a praticar por conta própria o sub-imperialismo na América do Sul. O latifúndio seguia - inaugurando então o ciclo do café, pois a elite européia queria tomar do líquido preto e devastaram nossas serras para isso. Os pobres continuavam pobres e os trabalhadores negros seguiam resistindo a escravidão.

Por ser um país novo, os diferentes grupos das elites algumas vezes não se entendiam nos projetos nacionais. Vieram revoltas pré-independência, lutas no primeiro reinado e no período da regência. Em algumas destas rebeliões, o povo (brancos pobres, indígenas, mestiços e negros) tomou a frente, fazendo destas revoltas verdadeiras revoluções populares regionais. Como fez o povo das cabanas, na Cabanagem (Pará-Amazônia) e como fizeram os balaios, na Balaiada (Maranhão). As demais foram antes de tudo revoltas de oligarquias descontentes, mas que não pensaram por duas vezes antes de derramar o sangue dos humildes para suas disputas de elite. Nestas ocasiões, mais uma vez, os trabalhadores negros em armas, se aproveitavam da situação caótica e conquistavam sua liberdade a ferro e fogo. A última destas rebeliões com traços populares, embora bastante confusa, foi a Praieira em Pernambuco. Aí, pela primeira vez no Brasil, chegaram as idéias do socialismo libertário contemporâneo, através do mutualismo.

Para acabar com as revoltas, rebeliões e revoluções populares regionais, o império do Brasil primeiro usou oficiais coloniais e tropas mercenárias de marinha. Depois, criou uma força repressora com os filhos dos nobres e latifundiários, deu-lhe o nome de Guarda Nacional, ofereceu como prêmio para sufocar as rebeliões mais terras e riquezas - além dos favores da corte - e pôs à frente destas tropas o maior contra-revolucionário da história do Brasil. No reconhecimento oficial por tantas degolas, linchamentos, prisões e execuções, o inimigo de classe deu-lhe o título de patrono do exército brasileiro. Assim, lutando contra revoltas e revoluções, nascem as forças armadas nacionais.

Império, abolição & república

Paralelo com a contra-revolução, o império e suas forças armadas praticam sub-imperialismo para roubar terras e explorar comercialmente os povos hermanos. Mais tarde, seguindo a tradição genocida, destroçam e matam a mais de dois-terços dos paraguaios. Fizeram isso a mando do império britânico, de quem as elites brasileiras eram capachas. Sem nenhum escrúpulo, como sempre, o inimigo de classe usou outra vez de braço negro para exterminar os paraguaios-guaranis.

Depois de mais uma matança, mudava o modo de produção e o inimigo supostamente se dividia em blocos oponentes. Na verdade, era apenas uma disputa entre exploradores, que culminou com a “abolição” da escravatura - sem nenhuma distribuição de renda. Um ano depois, veio um golpe de estado, e o povo que estava naquela praça, tomou um susto e nada entendeu porque que o marechal que era ministro do imperador dava vivas e proclamava a república (!). Veio a “tal da república” e óbvio, nada mudou.

Canudos & Contestado

Enquanto na capital se tramavam golpes de estado e conspirações de palácio, no sertão da Bahia o povo brasileiro outra vez descobria seus caminhos. Inspirados por um homem de fortes palavras que dava conselhos, as gentes do interior flagelado pela seca, subiram um Belo Monte e retomaram o que nos pertence por direito: a Terra e a Liberdade. Entendendo Jesus como carpinteiro, pescador, guerrilheiro e profeta, com esta inspiração socializaram a terra, viveram em comuna e criaram um Poder Popular no inferno que era o sertão. Já que se viam ao lado de Cristo, lutaram contra o anti-cristo encarnado na república dos ricos, dos latifundiários, dos milicos positivistas e suas injustiças. Porque o sertanejo é antes de tudo um forte, a bravura dos caboclos de Canudos resistiu por 4 anos a todas as investidas do exército, polícia e jagunços. No couro, na ponta da faca, com facão e garrucha derrotaram três vezes as forças armadas. Como sempre, quando o povo se auto-organiza, luta pelo justo e vai até o fim por seus ideais. O exemplo de Canudos é tão marcante, que a ditadura militar alagou a região debaixo de uma represa para que ali não virasse lugar de romaria. Isso de nada adiantou, pois assim como Palmares, trazemos Canudos na alma!

Outra vez por Terra e Liberdade, agora numa área contestada entre os estados de Santa Catarina e Paraná, a caboclada se revoltou contra os latifundiários e a multi-nacional que construía uma ferrovia na região. Tendo a mesma idéia de Jesus que seus irmãos de Canudos, os caboclos do Contestado se armaram de espadas de madeira e foram enfrentar ao anti-cristo encarnados nas empresas, nos fazendeiros e suas malditas cercas e leis. Por outros 4 anos as forças armadas, a polícia e os jagunços - todos a soldo dos poderosos - foram derrotadas por estes sertanejos do Sul. Nas últimas campanhas da repressão para acabar com o Poder Popular que gerou a terra coletivizada, a vida em comunidade e a classe camponesa dona de seu próprio destino, os milicos usaram até de bombardeiros aéreos contra o povo em armas. De nada adianta o silêncio do poder sobre mais esta guerra popular. Assim como Palmares, Canudos e diversas outras revoluções brasileiras, trazemos o Contestado na alma!

Desenvolvimento industrial e a resistência operária

No final do século passado, abriam-se as portas das senzalas e os trabalhadores negros conheciam outra faceta do capitalismo, o sub-emprego e a miséria. Espertamente, os capitalistas e a aristocracia do país “importavam” mão de obra europeia desde o final da monarquia. A motivação era antes de mais nada racista: - “Construir uma potência branca na América do Sul” diziam eles, e depois econômica. Vieram os operários e camponeses imigrantes e outra vez mais os trabalhadores recebem a acolhida típica do país tropical: exploração a níveis desumanos.

Com estes operários imigrantes veio também a primeira carga de ideologia revolucionária das classes oprimidas. Os poderosos do Brasil, que tanto queriam mão de obra assalariada branca, não gostaram nenhum pouco do que o proletariado trazia consigo nas malas, corações e mentes. Então, apelidaram de “flor exótica” a ideologia de libertação da classe trabalhadora. A acusavam de ser uma idéia sem raízes no povo gentil, pacífico e ordeiro destas terras (obs: esta gente nunca se dá conta das asneiras e mentiras que utilizam). “Idéias de estrangeiros que não querem saber de trabalhar!” gritavam os parasitas dominantes.

Nestes tempos, o anarco sindicalismo e o sindicalismo revolucionário impulsionava a auto-organização da classe em luta, então essencialmente de origem imigrante - daí ser chamada de classe operária imigrante. Nunca nenhum movimento de massas urbano foi tão forte ! Nunca os trabalhadores brasileiros avançaram tanto em suas lutas! Nunca a classe dominante tremeu tanto de pavor!

Organizando, impulsionando e avançando a classe e o povo em luta, o movimento operário criou meios para gerar valores diferentes daqueles vividos pelos dominantes. Como movimento de massas, tínhamos um projeto popular completo para a “Emancipação dos trabalhadores que é obra dos próprios trabalhadores!”. Assim, os trabalhadores tinham seu instrumento de luta e conquista econômica (os sindicatos livres ou sindicalistas-revolucionários), de educação libertária e popular (as escolas racionalistas e as universidades do povo), de cultura de classe (os ateneus operários, bibliotecas sindicais, grupos de teatro social, bandas e líras operárias, atividades de lazer e recreação para toda a família trabalhadora), de literatura operária (com a edição e distribuição em massa de livros como A Conquista do Pão, O Salário, No Café, Germinal; e um estilo de romances e contos do proletariado), de informação (os jornais operários) e de defesa (os grupos de auto-defesa e sabotagem).

Um belo exemplo de como a companheirada brigava como povo, “porque a agressão feita a um é uma agressão feita a todos”, é o caso das operárias tecelãs. Em sua maioria mulheres jovens (a média de idade era de 14 anos), trabalhando de 12 a 16 horas por dia, um salário de miséria e em péssimas instalações industriais, cedo estas operárias perdiam qualquer esperança com a vida. Era infelizmente comum que patrões ou gerentes as enganassem com falsas promessas, arrasando ainda mais sua dignidade e auto-estima. Nesses tempos, nos meios operários, nenhum homem ou mulher, mesmo que seduzido, nem se relacionava com o inimigo de classe. A concepção era que “um patrão que seduz ou engana uma operária violenta a classe inteira!” A atitude a ser tomada era sempre de solidariedade (com a tecelã) e luta (contra a patronal). A resposta vinha de dia com piquetes, manifestações, greves e boicotes. E por vezes à noite, quando companheiros de ação sabotavam a fábrica ou levavam a justiça dos oprimidos às últimas conseqüências.

A estratégia então utilizada era a da “ginástica revolucionária” (estica e puxa até que um dia arrebenta). Consistia em impulsionar a luta de classes num sentido profundamente anti-capitalista, dando ênfase de que em cada tarefa, por mais simples que for, se ajuda a construir um caminho da libertação proletária e popular. Os militantes funcionavam como impulsionadores da classe, sempre fomentando um estado de mobilização por reivindicações concretas. A briga era para conquistar avanços e necessidades, tanto nas questões classistas (como a jornada de 8 horas, piso salarial, melhores condições de trabalho, pelo fim das perseguições sindicais, etc.) como nas questões gerais (contra a guerra e o serviço militar, contra o alcoolismo, contra a exploração comercial da fé, contra a fome e a carestia, pela libertação da mulher). Nas lutas concretas de participação massiva os militantes forjaram, na idéia e na ação, o combate social ao sistema opressor.

Mas nada disso foi fácil ou veio de graça. A burguesia considerava que: “a questão social é um caso de polícia!” e jogava a repressão - particular e estatal - sobre nós. Eram constantes as batidas de casa em casa,

perseguições aos militantes operários mais conhecidos, listas negras nas fábricas para os militantes sindicais, prisões, torturas, assassinatos e deportações. Em Roraima, fronteira com as Guianas, fizeram um campo de concentração para os anarquistas durante o governo de Bernardes, a famigerada Clevelândia. Mas, com a dignidade habitual, sapateiros, padeiros, gráficos, metalúrgicos, ferreiros, carpinteiros, pedreiros, operários têxteis, professores, comerciários, garçons, portuários, condutores e outras categorias do proletariado libertário sempre davam a resposta do povo contra a repressão da burguesia e seus lacaios: fugas da Clevelândia e de outras prisões, diversas vezes derrotamos a repressão em enfrentamentos e a patronal na luta de classes, também várias delegacias e quartéis voaram pelos ares nesses tempos.

Nas primeiras décadas do século XX, em especial nos tempos da Confederação Operária Brasileira (COB, teve seus congressos nos anos de 1906, 1913 e 1920) e das Federações Operárias estaduais - estas resisitiram até o golpe do Estado Novo em 1937-, as cidades brasileiras mais importantes estiveram em momentos de ruptura revolucionária. Por mais de uma vez cidades do porte de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Santos e outras mais caíram nas mãos do operariado. Houve também uma tentativa de insurreição, no Rio, e participamos de todos os episódios históricos até o final dos anos 30. Isto porque a função libertária era - e é - a de estarmos na primeira linha de combate popular, nunca como uma vanguarda mas sim como militantes dedicados à emancipação de nossa classe e povo.

O momento auge era quando se davam as condições para uma greve mais radicalizada. Esta greve puxava outra e mais outra até que toda a classe parava em solidariedade. Os trabalhadores tomavam e geriam os meios de produção, expulsávamos a repressão (muitas vezes a base de dinamite), os sindicatos organizavam expropriações nos grandes comércios e cuidavam da distribuição de alimentos, os jornais burgueses eram empastelados ou sabotados e nossa imprensa circulava absoluta. Era a chamada “cidade proletária”, ensaio insurrecional e de **poder popular** muitas vezes repetido. Para garantir as conquistas e negociar com a patronal e o estado, era indicado um organismo político, composto por militantes de consenso. Este organismo era denominado Comitê Operário, Conselho de Greve ou Liga de Defesa do Povo. Assim vieram as maiores conquistas da classe e do povo em luta. Com a dedicação integral e abnegada de milhares de lutadores. Companheiras e companheiros que generosamente davam o melhor de si para a mais justa das causas - o socialismo e a liberdade -, muitas das vezes entregando suas vidas para o avanço e a emancipação popular.

Óbvio que tamanha capacidade de luta não ficaria sem resposta da burguesia e de seus aliados. No final dos anos 20, começa a ascensão da classe média no cenário político nacional, cujo melhor exemplo é o tenentismo. Na virada da década, estas camadas médias (militares, profissionais liberais, funcionários públicos de médio e alto escalão, intelectuais, pequenos e médios comerciantes, etc.) foram capitalizadas pelos marxistas e seu partido e pelos “liberais”. Para o meio operário, importaram da Itália fascista a “Carta del Lavoro” de Mussolini, e com o apoio de pelegos esta foi implementada como Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), surgindo junto com o Ministério do Trabalho. Até as vésperas do Estado Novo, lutavam construindo palmo a palmo o terreno sindical e popular das grandes cidades. Uma passagem marcante deste período foi quando colocaram os galinhas verdes (integralistas) para correr, debaixo de bala, da Praça da Sé em São Paulo - em 1934 e 1935. Com o golpe de 1937, foram fechados os sindicatos livres e em 1945, quando caiu a ditadura Vargas, o pior já estava feito: a classe trabalhadora quebrada em sua ideologia, em seus organismos de luta de massas e na sua identidade e valores classistas.

Coronelismo & Cangaço

Uma outra parte das lutas e condições de vida dos oprimidos brasileiros estava no interior. Do final do século XIX até as primeiras décadas do século XX, o latifúndio dominava os campos e o sertão através do coronelismo. Os senhores de terras, em troca de apoio ao governo central, ganhavam mais terras e também o título de coronel da Guarda Nacional. Mesmo com o final destas tropas para-militares, os coronéis seguiram existindo. A economia, religião, repressão e poder político partiam destes “donos de gado e gente”. Quando terminou a maldita guarda dos coronéis, o governo da tal da república, sempre que necessita, convoca “batalhões patrióticos”, compostos pelos latifundiários e seus jagunços. Nas guerras locais dos partidos das oligarquias do interior (como a Federalista, guerras civis gaúchas, na Chapada Diamantina, brigas entre famílias poderosas, etc.) e nas grandes revoltas (como a Coluna Prestes), estas tropas eram empregadas junto com o exército e a polícia.

No cotidiano do interior, a não ser em ocasiões como Canudos e Contestado, nosso povo encontrou em algumas regiões - em especial no sertão nordestino - formas de revolta contraditórias mas enraizadas no seio da gente simples. Os estudiosos chamam de banditismo social mas os nordestinos chamam é de cangaço. Bandos de homens armados de “coragem e bala” infestavam o sertão dos coronéis; por vezes contando com apoio de alguns deles, outras horas não. E sempre “botando o terror nas volantes dos macacos” (a polícia).

A burguesia, aliada dos coronéis, escandalizava-se. O povo do sertão, preferia ver seus filhos no cangaço do que passando fome, vivendo de peão ou meeiro nas terras de outros, devendo favores ou o pior, como jagunços dos latifundiários. Para os camponeses que se revoltavam, havia sempre uma cova rasa, medida com sete palmos cavados de terra, a parte cabida ao povo, no latifúndio que queria ver repartido. Sem dúvida o cangaço era a melhor opção, por necessidade e por uma questão de classe.

Populismo & Lutas camponesas

Quando terminou o Estado Novo, tanto o movimento operário como o sertão haviam mudado. No período entre duas ditaduras (em especial a partir dos anos 60), começaram as migrações para as grandes cidades (o êxodo rural) e o país começava a se industrializar. O rádio abria o caminho - junto com a aeronáutica - para a integração nacional tão sonhada pelos militares (fator que eles mesmos, vinte anos depois, iriam se aproveitar para montar as redes de televisão). Vieram as siderúrgicas, seguidas de metalúrgicas automobilísticas - por tabela, diminuía os trens e abriam-se rodovias (“governar é abrir estradas” já se dizia nos anos 20 a mando das multinacionais). Uma falsa euforia trazida pela “modernidade”(obs: o discurso do inimigo é sempre o mesmo) tomava conta do país.

A esquerda perdia seu caráter operário, classista e popular de antes e se encontrava dominada por intelectuais de classe média e seu partido. Este, mesmo quando ilegal, sempre foi tolerado. Eram os tempos de modernização e populismo, e do vexame de uma “esquerda” buscando alianças com uma tal de burguesia nacional progressista a qual o povo brasileiro nunca conheceu nem jamais ouviu falar - e que ainda se existente, é parte do inimigo de classe.

Mas como sempre, a gente simples encontrou seus caminhos, e os camponeses pela primeira vez na história do Brasil conheciam a sindicalização rural massiva. Brotavam sindicatos de trabalhadores rurais, associações de lavradores e as hoje lendárias ligas camponesas. Apesar de ter líderes populistas e uma demagógica referência de reforma e aliança de classes (era a postura dos partidos da classe média); provou-se outra vez que sempre quando a briga é boa, justa e necessária, os matutos, capiaus, compadres e comadres do interior compram esta briga.

Por mais de quinze anos, de novo os camponeses foram orgulho e esperança das classes oprimidas brasileiras. Emboscadas, tocaias, mortes encomendadas, repressão e perseguição institucional e da jagunçada. Ontem como hoje, o campo em luta é terra de ninguém. É justo reconhecer que militantes de base fizeram um grande esforço organizativo e nesse caminho, por muitas vezes deram suas vidas. Quando veio o golpe dos militares, com a derrota do populismo e seu “partido de esquerda”, a milicada, os coronéis e as empresas

fizeram questão de destruir cada sindicato de trabalhadores rurais que fosse combativo. E a luta pela terra, de forma organizada, ficou adiada até surgir o MST.

Ditadura militar, estudantes & guerrilheiros

Os anos 60 entraram no Brasil pela porta dos fundos, com “a potência emergente” inaugurando sua nova capital no meio do cerrado. A obra foi feita com o cimento transportado de avião, e por coerência política da classe dominante, se esqueceram dos candangos que construíram a cidade. Com a acirrada disputa entre o populismo e a direita golpista, nem o império yankee nem as elites brasileiras quiseram arriscar algumas reformas estruturais. Optaram pelo golpe militar - implantando um regime de endurecimento gradual. Sindicatos e movimento estudantil foram logo proibidos. Num primeiro momento, quem podia causar problemas - as bases populares organizadas - foram reprimidas e extintas, até isolarem o partido da classe média e todos os seus futuros rachas.

Cheios de boa vontade, mas sem nenhuma arraizamento social, os estudantes secundaristas e universitários chamaram para si a responsabilidade de levar as bandeiras das lutas sociais dos brasileiros. Dos segmentos sociais mobilizados no início da década de 60 (soldados, religiosos, profissionais liberais, intelectuais, artistas, camponeses e estudantes) - a não ser em alguns raros momentos como as greves de Osasco -, depois do golpe foram apenas os estudantes que encararam a luta.

O inimigo necessitava de um regime forte para crescer o bolo do produto interno bruto e nunca jamais dividi-lo. Também para fazer obras faraônicas (exs: ponte Rio-Niterói, Transamazônica, dezenas de BRs, super-hidrelétricas como Carajás, Tucuruí, Itaipú e outras mais, usinas nucleares, etc.), montar a indústria bélica nacional (houve um tempo que “o país do futuro” era o quinto maior exportador de armas do mundo), criar estatais para infra-estrutura e subsídio da produção industrial privada, redes de televisão, contrair empréstimos aumentando a dívida externa, inchar as cidades expulsando gente do campo com novas monoculturas plantadas a base de agrotóxicos (como a soja, a laranja e a cana de açúcar do proálcool) - entre 1960 e 1980, 30 milhões de brasileiros saíram do campo para as cidades -, aumentar as favelas, destruir o meio ambiente (com o Incra tocando gente feito gado para o norte) e acabar com a rede do ensino público. Ainda tiveram o cinismo de chamar a tudo isso de “milagre econômico“ (obs: para eles, a nossa desgraça é sua cura milagrosa). Também necessitavam de um regime forte e de terrorismo de estado para garantir o Brasil na geo-política do continente, porque “para onde vai o Brasil vai a América Latina“, e como os trabalhadores brasileiros não saíram do lugar, os hermanos latino-americanos brigaram e brigaram e não foram para canto algum.

Era fundamental que a 8ª economia do mundo fosse a pioneira da América Latina na doutrina de segurança nacional e nos órgãos de repressão especializados (os mesmos que continuam hoje: o DOPS e a criação da Polícia Federal, o antigo DOI-CODI, a OBAN, institucionalização das Polícias-Militares com suas forças de choque e as de inteligência/P2, a criação do Serviço Nacional de Informações - ex-SNI hoje Secretaria de Assuntos Estratégicos/SAE -, o DIPI(Departamento de imprensa e propaganda que controlava as manifestações culturais), os serviços de inteligência do Exército/CIE, da Marinha/CENIMAR, da Aeronáutica/CISA, as tropas especializadas em contra-insurgência - como os páraquedistas e fuzileiros, a militarização dos bombeiros, a institucionalização das super-corruptas Polícias Civas e as mais recentes Guardas Municipais). Partiram militares brasileiros para aprender técnicas de tortura com os gringos e depois ensinar aos gorilas dos países vizinhos. A mando das elites e do capital internacional, o regime pagou o preço de torturar os filhos da classe média para poder massacrar o povo com mais miséria e o genocídio institucional - re-iniciado sistematicamente após desbaratarem os grupos guerrilheiros. O mesmo extermínio em massa vivido hoje. Mas, uma vez mais nem todos se calam. Prestamos nossa homenagem e respeito aos companheiros de outras organizações que enfrentaram aos milicos sanguinários nas guerrilhas urbanas e rurais, em especial no Rio, São Paulo e no Araguaia. Perdendo ou ganhando, com a tática errada ou não, tombaram de pé escrevendo com o sangue generoso dos que oferecem suas vidas, outra parte da história da libertação dos oprimidos brasileiros.

Com uma história social tão rica, plena de generosas entregas de vida e luta por parte do nosso povo, é obrigação de todos nós estarmos a altura das lutas populares brasileiras., queremos contribuir nesse imenso mutirão para construirmos uma luta de longo prazo, brigando para termos a chance de começar um processo de Revolução Social Brasileira .

Abertura, democracia burguesa & Movimentos Populares

Após acabarem também com as oposições formais, o regime militar inventou uma abertura que não foi outra coisa do que deixar passar. De imediato, a mesma “esquerda” dos reformistas fez coro com a milicada e pediu anistia ampla, geral e irrestrita até para os torturadores(!). O país caminhava a passos seguros e atados para longos anos de transição - onde nada saiu do lugar (como já é de costume).

Na eterna história de quem luta, no final da década de 70 o povo reencontrou seus caminhos. Diversos novos movimentos sociais surgem - de mulheres, negros, comunidades de base, ecológico, direitos indígenas - e outros ressurgem como o sindicalismo, marcado pelas greves do ABC metalúrgico e a organização do funcionalismo público. Começa a explodir o problema da população carcerárias e este imundo sistema penal. A miséria cresce nas favelas e periferias também como fruto do “milagre” e do tal bolo que cresceu mas nunca o povo comeu.

No campo, na região do alto rio Uruguai, área da fronteira do norte do Rio Grande do Sul com a Argentina, ressurgem a luta e a esperança. Nos domingos de tarde, debaixo de um pé de figueira, micros e pequenos agricultores começam a se reunir e conversar, para mudar o próprio destino. Inicia a reconquista da terra usurpada pelo latifúndio, é o nascer do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST).

O sistema ofereceu o paraíso dos conformados e uma vez mais o povo foi ludibriado por vias legalistas. Eleições para o parlamento burguês, para governos municipais e estaduais até chegar a tão esperada eleição para presidente. O que mudou? NADA! Nos empurram goela abaixo partidos pregando a colaboração entre classes, “responsáveis” burocratas sem nenhum compromisso popular e um estado de direito formal com duas leis: o código civil para os ricos e o código penal para os pobres!

Desde a lenta e gradual abertura do regime militar até os dias atuais, após mais de uma década com as regras do jogo democrático-burguês, temos o povo saturado de falsas promessas a cada quatro anos, sem perspectivas de alternativas de luta, com a pseudo-oposição sendo cúmplice e parceira do sistema (“cidadania, consumidores, contribuintes, direitos e deveres para a legalidade, tribunais da classe dominante, eleitores”) acreditando e convencendo-se das mentiras capitalistas.

É certo que nunca tivemos tantas entidades de base, onde quase todas as classes populares podem, em teoria, estarem organizadas. Também é certo, e infelizmente, que estas mesmas entidades de base nunca foram tão isoladas umas das outras, anestesiadas pelas bobagens do discurso oficial - postas de lado, como cabide eleitoral do povo enganado .

Alguns raros exemplos escapam desta triste situação, destacadamente o Movimento Sem-Terra. A companheirada do campo, abre com enxada, foice e facão os caminhos da liberdade para os oprimidos do Brasil. A luta pela terra - luta de todos - é por onde podemos descobrir novos passos na trilha da libertação popular. E mais recentemente nós do MNCR vamos avançando contra os latifúndios urbanos, das empreiteiras e governos que controlam as ruas e os serviços de coleta e seu destino final, para construir uma verdadeira alternativa autogestionária de poder popular.

Com uma história social tão rica, plena de generosas entregas de vida e luta por parte do nosso povo, é obrigação de todos nós estarmos a altura das lutas populares brasileiras. Como força política organizada dos catadores, queremos contribuir nesse imenso mutirão para construirmos uma luta de longo prazo, brigando para termos a chance de começar um processo de Revolução Social Brasileira .

A tarefa é dura, árdua; o caminho é difícil, perigoso - mas é o único sincero e coerente, e é a caminhada da libertação de nossa gente!

A HISTÓRIA QUE FAZEMOS TODOS OS DIAS

Ao contrário do que nos tenta “ensinar” a televisão, o individualismo e o sistema, a história de um povo é o próprio povo quem a faz. Nos momentos que nos juntamos apontando um objetivo onde a maioria dos trabalhadores e oprimidos se sintam participante, aí estamos escrevendo e fazendo a história, a nossa história - protagonizando os nossos destinos. Todos os dias nós a fazemos e todos os dias nossa história e vida são roubadas pelo capitalismo assassino e seus senhores; cotidianamente tentamos contribuir para que o povo exproprie o destino que tiraram da gente.

No texto acima, sem grandes pretensões, pusemos mais que nada alguns sentimentos dos povos brasileiros - e é desta diversidade que podemos traçar um projeto de Gestão do Poder Popular. Como povo, sempre lutamos desde o primeiro minuto de nossa existência. E sempre lutaremos. Não adianta as elites tentarem nos fazer acreditar que somos “naturalmente vagabundos, palhaços, raça de vira-latas, falsos malandros (otários), pacíficos e conformados“. Somos aquilo que fazemos de nós mesmos e NOSSA HISTÓRIA comprova 500 anos de luta, vida, dor e esperança! Nesta mesma trajetória seguimos ontem, hoje e sempre.

Realçamos, é certo, partes mais marcantes da história dos oprimidos do Brasil. Também é certo que muita coisa ficou de fora. Talvez o mais profundo não tenha entrado, o cotidiano. Não o pusemos porque nós (como povo) não somos burros e sabemos muito bem as condições de vida (ou será de sobrevivência?!) que temos. Também não incluímos diversos tipos de lutas no pedaço de Brasil que antes estava além do sertão, onde nem a historiografia oficial nem a popular chegaram, passagens certamente tão fortes como desconhecidas.

Não estão nem o cotidiano nem as partes “desconhecidas” (apenas dos livros e arquivos dos opressores) somente por tentarmos adequar tempo e espaço. Não entrou o “mais importante” simplesmente porque isso não existe (ao menos para nós). - pois todo e qualquer trabalho para contribuir na libertação de nossa gente é igualmente importante -, na história popular, tanto o cotidiano como o povo em luta são diferentes partes de um mesmo conjunto.

Uma questão prática, toda a nossa história não caberia em trabalho algum. E sabemos bem que qualquer livro, enciclopédia, arquivo, biblioteca, programa de computador, música ou canto são menores do que a vida de qualquer pessoa!

A história a fazemos todos os dias, onde quer que esteja nosso povo e cotidiano, há povo em luta. E seja onde for a luta do povo brasileiro, fazemos o possível (e por vezes tentamos também o impossível) para ajudar a construir Nossa História, num mutirão **“pela libertação popular que é obra do povo em luta auto-organizado!”**

OS TEMPOS QUE VIVEMOS

Estes tempos são duros, difíceis. De nada adianta nos iludirmos que está fácil para a população e os movimentos populares porque não está. Vivemos talvez uma das conjunturas mais árduas da história do Brasil e da América Latina. Mas o primeiro passo para tentar transformar a realidade é saber muito bem onde se pisa, conhecer profundamente o mundo real (e não o das ilusões, novelas ou do sistema legal), vivendo e sobrevivendo junto das camadas mais simples e humildes dos brasileiros.

Parecem números frios mas sabemos que são alarmantes pois cada dígito significa uma vida. Hoje somos mais de 150 milhões de brasileiros. Destes, mais de 35 milhões estão na fome e na miséria. Mais de 60 milhões de brasileiros vivem(?) com menos de 1 salário mínimo, somando um total de 80 milhões de pobres. Temos então mais de 100 milhões de seres humanos vivendo/sobrevivendo na pobreza ou desespero dentro do país. A classe média (sempre diminuindo) gira em torno de 30 milhões. Os ricos e super-ricos (que estão nos padrões acima dos ricos do primeiro mundo), são pouco menos de 10 milhões. Os 10% mais ricos

acumulam mais da metade dos ganhos. É por isso que dizemos que quem trabalha não tem tempo para juntar dinheiro!

Tamanha injustiça social já foi assumida até pelos setores mais arrogantes das classes opressoras: “A pobreza no Brasil não é fenômeno de conjuntura, é estrutural” confessa o inimigo. Simplificando, a pobreza é tão brasileira quanto o samba, feijoada, capoeira, batucada e o futebol! Resumindo, desde que inventaram o Brasil (ainda quando o opressor o chamava de Terra de Santa Cruz), inventaram a pobreza e injustiça brasileira. O Brasil produz mais riquezas que toda a América Latina junta e ainda assim tem o mais baixo salário do continente. Das economias industrializadas, este país tem a mais injusta divisão de renda do mundo.

Muito desta pobreza começa quando o ensino renega a educação e o saber popular. Como esse sistema é injusto por natureza, o ensino básico é deprimente e o comum é faltarem vagas nas escolas públicas. Temos 30% de analfabetos e outros 30% de iletrados (os que mal dominam o idioma e nem conseguem entender o que está escrito num jornal) - e a tendência disso é aumentar.

Outra boa parte da pobreza vem da fome e da situação no campo. 1% dos proprietários rurais (nos quais incluem-se conglomerados de empresas nacionais e multinacionais) são donos de quase 50% das terras cultiváveis. Existem 12 proprietários que são donos de extensões de terras equivalentes em área a países como Alemanha, Bélgica e Suíça juntas. Algumas famílias são latifundiárias há mais de 400 anos! Uma multinacional é dona, na Amazônia, de uma área do tamanho do Rio Grande do Sul. Por outro lado, só os micros e pequenos agricultores produzem para alimentar nossa gente, e mesmo assim não tem incentivos e são expulsos de suas terras. 3 milhões e 100 mil terrenos de cultivo, dos 5 milhões existentes no Brasil, pertencem aos micro/pequenos produtores e cada um tem menos de 10 hectares de terra. Equivalem a 53% das propriedades rurais e são menos de 3%, em tamanho, do total das terras agricultáveis. Estes camponeses são os que plantam para comer! O conceito de “produtivo” varia de acordo com a classe a qual pertencemos. O sistema capitalista considera “produtivo” as monoculturas (como a soja, café, laranja, cana, reflorestamento para celulose do papel, etc.), as queimadas, o fim das reservas extrativistas, a pecuária extensiva, a compra de terras para especulação financeira e os calotes bancários dos “produtores” rurais. Nós consideramos a essa plantação de misérias como o modo de produção rural do inimigo de classe. Daí só vem mais êxodo e migração, legiões de pessoas sem trabalho estável no campo (como os bóias-frias) e uma máquina de fome e desespero.

Felizmente boa parte dos camponeses já despertou e hoje se organizam para retomar o que é nosso. Infelizmente, o saldo do despertar é um trabalhador rural assassinado por semana na luta por terra e liberdade. Não é à toa que o Movimento Sem-Terra é o único movimento de massas que avança pelas próprias pernas - apesar de tanto sangue derramado. Por terem um projeto de sociedade que começa aqui e agora, por organizarem a classe camponesa em todos os cantos do Brasil, são uma referência e um exemplo a ser seguido.

Depois da Ditadura Militar e mais de dez anos de farsa democrático-burguesa, este sistema viciado encontrou seus meios de estabilizar a miséria. Hoje, mais de 70% dos brasileiros vivem em cidades, sendo que 1 a cada 3 se concentram nas maiores metrópoles (como São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Belém, Vitória, Fortaleza, Campo Grande, etc.), além de algumas cidades pólos de micro-regiões.

É no cotidiano das grandes cidades, quando a 8ª economia do mundo demonstra seu lado mais perverso. Falta de serviços básicos (água, luz, esgoto, condições sanitárias, limpeza, transporte), insegurança nas classes populares (jogando sempre povo contra povo para aumentar a guerra entre os pobres), trabalho, saúde, lazer e educação. Ao contrário de algumas outras economias do continente, o desemprego/sub-emprego (assim como a pobreza) são estruturais - ou seja, mesmo no período escravista já tinha muita gente vivendo de bicos. Nas ruas brasileiras, a economia informal é saída para o desemprego e evita o aumento da criminalidade. Mesmo assim os governos locais fazem questão de reprimir estes trabalhadores e “limpar as ruas”.

Seguindo esta filosofia, limpam as ruas matando nossa gente, os filhos do povo chamados de meninos e meninas de rua, moradores de rua e catadores. Esquadrões de policiais, comerciantes e traficantes matam crianças e idosos que eles mesmos jogaram nas calçadas, debaixo de marquises e viadutos. Temos uma

imensa camada da população brasileira funcionando como uma eterna “fábrica” de crianças de rua - aí falta tudo, inclusive a auto-estima, degradada todos os dias pelos meios de comunicação. Outra resposta dos opressores é a esterilização em massa de mulheres pobres (obs: com isso devem querer cortar o “mal” - nós - pela raiz).

No campo da repressão institucional e para-policial, o país vai muito bem, com alto índice de “produtividade“. Temos arapongas e assassinos com fardas de todas as cores e também sem farda. A violência urbana é o antídoto para que os brasileiros não comecem a dar tiros para o lado certo, acertando nesta elite nojenta, seus aliados, lacaios e cães de guarda. Nas favelas e periferias, a vida vale uma garrafa de cerveja ou de cachaça, um acerto de contas, dívidas de favores ou pura bestialidade. Quando não é por nada disso, vem sempre uma bala perdida para levar mais um brasileiro - profissional da esperança - para o inferno. Se estas balas acertam onde não devem - zonas de classe média ou alta - os meios de comunicação fazem escândalos; se matam outro favelado, não falam nada.

Não por uma triste coincidência, a maioria dos pobres, miseráveis, analfabetos, iletrados, presidiários, trabalhadores recebendo salário mínimo, marginalizados são negros/afro-brasileiros. Somos mais de 80 milhões de negros, a segunda maior população de origem africana do mundo! Esta parcela majoritária do nosso povo construiu o país nas costas marcadas, viu suas filhas serem estupradas pelos senhores de escravos, sua fé e cultura proibidas ou apropriadas, sua auto-estima ser quase destruída. O esquema das elites nesse caso é simples: o que for de origem afro e bom (para os opressores) é considerado nacional, o que for ruim, é ilegal! Gradativamente os dominantes foram se apropriando de tudo construído do suor e criatividade dos trabalhadores negros, mas sempre houve e haverá resistência. Tentam nos enganar dizendo que vivemos numa democracia racial, os reformistas falam de superar a discriminação mas nós dizemos que temos é de acabar com a dominação (de classe e de etnia). Com os negros se libertando estará aí a caminhada da libertação de todos os oprimidos brasileiros, e por isso mesmo esta é uma luta de todos!

Ônibus lotados e trens caindo aos pedaços carregam diariamente - como para o abate - a maioria dos habitantes do país com mais televisões que geladeiras. O controle da comunicação - onde 9 famílias detém mais de 80% dos veículos de massa e a rede Globo cobre 98% do território nacional - foi cuidadosamente implementado pelos militares. Nos bombardeiam com besteiras e mensagens individualistas (tipo: “você tem de vencer, o mundo é dos vencedores, seja também um sucesso” e outras babaquices infestadas de valores das classes dominantes), tentam nos bestializar sofrendo os “dramas” dos ricos nas novelas e fazem um esforço monstruoso para arrasarem com nossas identidades e características regionais. Vez por outra, um novo escândalo de corrupção aparece no noticiário. Depois estréia outra novela e todo mundo “esquece“ o quanto nos roubaram de novo (obs: puro engano quem pensa que o povo se esquece, puro engano). Com a mídia impressa (jornais e revistas) não é diferente. Para o brasileiro que não vive sem rádio, cotidianamente os donos das transmissoras o tentam idiotizar. De olho nas novas tecnologias de comunicação, o monopólio já cai em cima de mais esta presa.

Desgraças mil poderíamos citar. Falsidades também, como a indústria da seca, as obras públicas feitas pelas empreiteiras, a corrupção desenfreada, o estado brasileiro é um loteamento das elites e multi-nacionais sangue-sugas - enquanto o salário mínimo cada vez compra menos. Dizem que tem de se desfazer das estatais para desafogar as contas públicas. Mentira! Vendem a preço de banana o patrimônio da classe trabalhadora porque assim mandam os senhores do FMI, Banco Mundial e GATT. Agilizar a máquina do estado e modernizar a economia são as palavras dos tecnocratas. Isso na carne significa milhões de trabalhadores públicos e privados no olho da rua - e também mais miséria, desespero e chacinas. São os tempos neo-liberais, da restauração burguesa babando de ódio quando destrói conquistas históricas dos trabalhadores.

Na última fronteira, no sertão que falta cercar, tocam gente igual a gado para o norte. A Amazônia virou um faroeste caboclo onde quase todo mundo perde e pouquíssimos ganham (madeireiras, mineradoras, grandes traficantes, tudo vinculado a multinacionais e oligarquias da região). O meio ambiente, a floresta e seus habitantes - caboclos, indígenas, seringueiros, agricultores, pescadores e até garimpeiros - vão sendo dizimados.

Ainda temos parte do povo escravizado, como nas zonas carvoeiras, exploração do trabalho infantil, tráfico de mulheres e de crianças e um altíssimo número de prostituição infantil .

As mulheres são a maioria da população. Por trás de uma suposta independência (onde o máximo que existe é uma nova classe composta de mulheres exploradoras) seguem a dominação machista e o sexismo. Os salários das mulheres são mais baixos, a repressão da patronal contra gestantes e mães (falta creches para as trabalhadoras deixarem seus filhos), a exploração como objeto sexual (o corpo da mulher como um artigo de consumo) e a dupla jornada de trabalho. Vemos talvez a maior categoria trabalhadora brasileira, as empregadas domésticas (fixas ou diaristas), com toda sua vida atrelada à família do patrão. Sonham os sonhos dos milionários das novelas, tem sua auto-estima agredida todos os dias (por vezes, recordando o escravismo, os filhos dos donos da casa, ou o próprio dono, as usam como iniciação ou objeto sexual) e quase nenhum direito (a maioria nem carteira assinada tem). São ensinadas a pensarem que “a patroa é boa para mim pois me considera como se fosse da família(!?)”. Não por outra triste coincidência, a maioria das domésticas são negras ou migrantes. Domésticas, serventes, faxineiras, camponesas, secretárias e mulheres com o destino marcado, são a maioria das mães solteiras. Além disso, seguem as abomináveis violências contra a mulher, como o estupro e o espancamento. Por mais que o sistema dê algumas migalhas estas nunca alcançam nem podem satisfazer. A satisfação está quando mais e mais mulheres participam dos movimentos populares, lutando em coletivo para se libertarem da opressão milenar e nesse processo ajudam a transformar a toda a sociedade.

Uma das verdades mais duras, é que o Brasil ainda é um país marcado pelo escravismo. De forma direta e indireta. Estão aí os salários de miséria, centrais sindicais pelegas ou reformistas(cúmplices do fascismo-corporativismo sindical, aceitando o imposto sindical, a CLT, os tribunais trabalhistas - que sempre julgam as greves ilegítimas e ilegais - e reconhecendo os sindicatos oficiais), um monte de gente pobre com cabeça de capitão-do-mato (sentindo ódio dos irmãos de sina, incorporando os valores e os “doços” sentimentos dos senhores), uma minoria que faz o que quer e tem cabeça e atitudes de “sinhô” (esse é o ditado, “manda quem pode e obedece quem tem juízo”) e uma maldita noção de que “todos contribuimos para construir o Brasil” (obs: seria a hora de perguntar:- Todos quem?! Quem estuprou e chacinou ou os filhos da conquista?!). Mais, estão aí as portas dos fundos, escadas e elevadores de serviço e os quartos de empregada; fisicamente nos dizem quais são os lugares destinados ao povo trabalhador brasileiro. O que esta corja que nos domina sabe bastante bem, e muito melhor que nós, é que quando “essa gente bronzada mostra seu valor e toda sua dor”, é quase impossível deles nos segurarem. Das senzalas modernas, com todos seus feitores, cagüetas, traíras, jagunços e senhores, se fizermos bem a nossa parte, como povo temos a chance de nos libertar de suas correntes e chibatas.

Por parte das elites, estão em outro modelo acumulativo. Encheram o país de dívida externa contraída para grandes obras (e o povo que paga a conta), sufocaram a economia com inflação (eles lucravam na ciranda financeira, e nós?) e faz uns tempos resolveram estabilizar a miséria. O mercado regional da América do Sul, iniciado pelo Mercosul, vai se expandindo. Os 40 milhões de consumidores brasileiros, talvez num primeiro momento, aumentem um pouco com a expansão do mercado de baixa renda. Mas todos sabemos que no projeto de integração de mercados não está um prato de arroz e feijão nem três refeições por dia no estômago de nossa gente.

Mas isso para eles pouco importa. A única elite latino-americana com potencial expansionista se anima outra vez. É como no sub-imperialismo do segundo reinado, vem de novo toda a baboseira do Brasil Grande, país do futuro, líder e potência regional, fator fundamental na geo-política da América Latina como dizem os milicos. Só que agora nosso povo não acredita nos enganos tipo “ameo-o ou deixe-o, moro num país que vai prá frente, todos juntos vamos” e outras palhaçadas do gênero nacional-ufanista. Nada disso funciona mais! Sabemos que a imensa maioria dos brasileiros e hermanos do continente não estão no projeto de integração regional de mercados. Ou buscamos nossa própria saída, ou vamos pelo ralo.

É aí que outra vez vemos nosso povo sem uma esquerda a altura das lutas sociais brasileiras. Seria injusto citar este ou aquele partido pois quase todas correntes desta “esquerda” afundam numa medíocre e vergonhosa cumplicidade com este sistema assassino. Pouco nos importa a babaquice de tentar ser feliz a cada 4 anos! Sabemos que ainda tem muita gente disposta nas bases de todos os movimentos sindicais e

populares e milhões e milhões de oprimidos brasileiros para entrar na luta. É esta a Esquerda que nos interessa. Esta é a companheirada da militância sincera, dedicada e disposta. E só contamos uns com os outros .

Como força organizada dos catadores, nos somamos aos companheiros e companheiras dos demais Movimentos Populares. Lado a lado com nossa gente, sempre. Para conquistar nossos objetivos específicos, mas também terra, trabalho, moradia, saúde, educação, lazer, vida comunitária, dignidade e auto-estima. Para podermos, numa luta de longo prazo, ter a chance de tomar nossas vidas e destinos nas mãos, temos de escrever Nossa História com:

A mão estendida e os braços abertos aos companheiros

&

O punho fechado para golpear o inimigo!!!

Proposta de trabalho: considerando o documento acima, a necessidade de aprofundar nossos conhecimentos sobre nossa verdadeira história e seu reflexo na sociedade em que vivemos, desenvolva em grupo com militantes mais próximos de sua base e região as questões abaixo:

- 1° - Ler o texto parte por parte;
- 2° - Quais os sinais de resistência do povo em cada período histórico, suas práticas de luta, desde a época da invasão portuguesa e espanhola até os tempos atuais?
- 3° - Quais as conquistas obtidas pelo povo com a luta do passado?
- 4° - Qual a relação destas lutas com as lutas do MNCR hoje?
- 5° - O que sistema capitalista ao longo da história fez para chegarmos a situação dos tempos em que vivemos hoje?
- 6° - Quem controla, manda e domina na sociedade em que vivemos hoje?
- 7° - E quais são os mecanismos utilizados para controlar e dominar a sociedade em que vivemos?
- 8° - Formule um texto com as idéias que foram discutidas em grupo com os companheiros., e traga para ser apresentada no próximo encontro.